

OSCAR PISTORIUS – “THE BLADE RUNNER” – e a questão do pós-humano

Antonio Clériston de Andrade
Universidade Federal de Pernambuco
cleristonhq@terra.com.br

RESUMO:

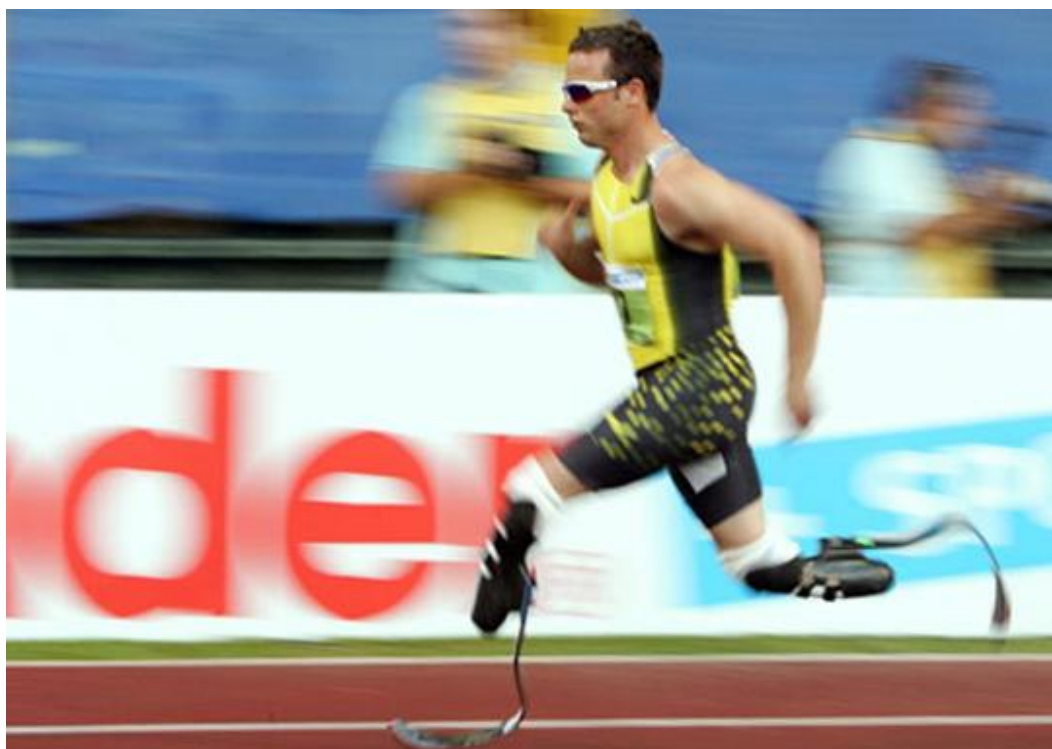
Este artigo busca discutir a questão do pós-humano, revelando as contradições pragmáticas e discursivas sobre o uso de próteses em atletas com deficiência física ou não, mostrando o apagamento das margens entre aquilo, como diz Santaella (2003), que é tido como natural e o artificial, tendo como pano de fundo o par de lâminas de fibra de carbono flexíveis que o atleta Oscar Pistorius usa para competir na corrida de 100, 200 e 400 metros.

Palavras-chave: pós-humano, práticas discursivas, jogo semântico.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss the issues of the post-human, revealing the pragmatic and discursive contradictions about the use of prosthesis on athletes with disabilities or not, showing erasing of margins between what, as Santaella (2003), is accepted as natural or artificial, taking as background the blade pair of flexible carbon fiber used by Oscar Pistorius to compete in the race 100, 200 and 400 meters.

Key words: post-human, discursive practices, semantics.



A foto que abre este artigo seria surrealista – um homem olhando as próprias pernas desconectadas de si mesmo –, não fosse esta a expressão icônica de uma realidade: trata-se do sul-africano Oscar Pistorius, um (para-)atleta que teve as pernas amputadas aos 11 meses de idade, fitando uma de suas próteses. O percurso vitorioso de Pistorius obriga a uma reflexão mais profunda sobre a questão da deficiência físico-motora, da superação de limites e do estado contemporâneo da condição humana, além de suscitar interessantes questões devido às escolhas lingüísticas, cujas marcas axiológicas dividem os discursos em pós e contra.

O caso tem recorrente destaque na mídia e suscita inúmeras e desconcertantes indagações do ponto de vista filosófico, lexical, semântico, ético, desportivo, e porque não dizer, sobre a questão do pós-humano. Por conseguinte, faremos neste trabalho algumas reflexões com o objetivo de por mais alguma luz sobre o caso, mesmo que essa luz seja tênue e provoque ainda mais questionamentos.



Em maio de 2007 deu no *The New York Times* (on line): “An Amputee Sprinter: Is He Disabled or Too-Abled?”, esta manchete teria feito uma simples pergunta (capacitado ou incapacitado), não fora o advérbio “too”, que superlativa o adjetivo “capaz” para “capacíssimo” ou, “demasiado capaz”. Temos, em decorrência, dois problemas imediatos. O primeiro deles, dialoga com as pretensões de Pistorius de competir nas Olimpíadas 2008, em Pequim, na

prova dos 400m de corrida, sua especialidade, junto a competidores não-deficientes. Se a reivindicação de “ser capaz” (ou habilitado) em si já causa polêmica, o segundo problema causa perplexidade; é que Pistorius foi vetado pela Federação Internacional de Atletismo (IAAF), que anunciou em 14 de janeiro de 2008 sua decisão, a de que Pistorius teria uma “ajuda técnica” sobre seus concorrentes, advindas das próteses. Daí o “Too-Abled” da referida manchete, ou seja, seguindo os rumores sobre a intenção da IAAF, o jornal já antecipava em sete meses que ele poderia ser considerado um “deficiente” com maior capacidade que os “não-deficientes”.

Ao nosso olhar, o problema maior não é o fato de que se julgue sua aptidão a competir com os não-deficientes, os “normais”, como ele deseja, mas, o de não estar habilitado justamente por encontrar-se em uma condição “superior”, isto é, Pistorius levaria vantagem na competição sobre os sem-prótese, pois teria uma “ajuda técnica”.

A decisão da IAAF de impedir Oscar Pistorius de competir nos jogos teve como base um estudo realizado em novembro de 2007 pela Universidade do Esporte de Colônia, na Alemanha, pois, as lâminas curvadas que compõem as próteses do corredor sul-africano, para tal estudo, permitem correr à mesma velocidade dos outros atletas, gastando menos 25% de energia. Endosso, em seguida, as perguntas de Jeré Longman (The New York Times): *“What should an athlete look like? Where should limits be placed on technology to balance fair play with the right to compete?”*; inclusive a mais perturbadora delas: *“Would the nature of sport be altered if athletes using artificial limbs could run faster or jump higher than the best athletes using their natural limbs?”*. E radicalizo: até que ponto próteses dentárias beneficiariam um atleta de certa modalidade em oposição aos competidores que não as têm? Será que fizeram testes em um atleta com uma prótese auditiva, para saber se ele estaria “ouvindo melhor” que os não-deficientes, e se isto lhe daria alguma vantagem em determinada competição?

O que é prótese? Para o Wikipédia (acesso em 03/03/2009), “é o componente artificial que tem por finalidade suprir necessidades e funções de indivíduos seqüelados por amputações, traumáticas ou não”. Quando uma pessoa perde algum membro do corpo, no lugar é posto uma prótese mecânica. Na “enciclopédia livre” (idem) ainda temos que “essa prótese responde a qualquer impulso nervoso, virando um substituto ideal, com a vantagem de ser mais resistente. As próteses podem também ser internas, para substituição de articulações ósseas”.

Na imagem seguinte, temos um homem jogando pebolim (o popular “totó), cujas mãos amputadas foram substituídas por duas próteses distintas. Qual das duas é mais eficaz para o jogo? Teria ele alguma “vantagem técnica” sobre um opositor cujas mãos sejam naturais?



Se estamos discutindo as fronteiras do pós-humano: um salto mais alto seria uma “prótese”, ou uma “ajuda técnica” no desenvolvimento de certa atividade desportiva (ou outra qualquer)? E um tipo de agasalho, ou luvas, ou boné? Proteger os olhos com um certo tipo de óculos daria uma vantagem técnica em uma dada ação sobre alguém sem óculos?

Santaella (2003) diz que no fundo da questão reside a seguinte implicação:

Se o ser humano é uma série de códigos, tais códigos podem não só ser re-misturados de diferentes modos para produzir uma variedade de rebentos mutantes com vários graus de humanidade, quanto a clonagem de um ser humano, mais cedo ou mais tarde, se tornará possível, e o mundo estará imerso no imaginário do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott (1982), debatendo-se nos problemas que foram lá antecipados.

Sabe-se que nadadores olímpicos que vestem uma roupa inspirada na pele de tubarão para deslizarem nas águas com menos atrito, podem ganhar alguns segundinhos, isto não seria uma prótese da pele? Por que ela é aceita? Os interesses em jogo são éticos ou econômicos? Vejamos o que capturamos em *Época on line*:

O tubarão, o maior inimigo dos surfistas, parece ter se tornado o maior aliado dos nadadores olímpicos. A textura de sua pele está sendo copiada por fabricantes de roupas esportivas que acreditam ter encontrado o modelo ideal de maiôs para os Jogos de Sydney. Aderentes e com pequenos orifícios para facilitar a passagem da água pelo corpo, os trajes podem melhorar em até 3% o rendimento do atleta. Em 1996, a Speedo aproveitou os Jogos de Atlanta para lançar o aquablade, tecido revestido com resina, que repele água.

Capturamos também este quadro ilustrativo (a seguir) no mesmo site, que não deixa dúvidas sobre o fato de estarmos lidando com um objeto extra-humano, cujas qualidades técnico-científicas proporcionam vantagens a competidores.

A segunda pele

Maiôs inteiros para nadadores, desenvolvidos por Adidas, Nike, Speedo e TYR Sport, reduzem o atrito com a água e auxiliam na compressão muscular.



Compressão muscular - Aquapel TYR Sport

Esse maiô compreende um sistema de placas costuradas de forma a comprimir as seções essenciais dos músculos. Sua forma protege a pele de ondulações durante os movimentos, reduzindo o atrito. As costuras são especialmente posicionadas para permitir flexibilidade e afastar a água de áreas de alto atrito

Redução de atrito - Fastskin Speedo

Os fabricantes de maiôs combatem o atrito com um traje mais hidrodinâmico, com pequenas estruturas em forma de V, inspirado na pele de tubarão. Minúsculos sulcos no tecido permitem que a água passe pelo corpo mais livremente. O fluxo da água é direcionado sobre o corpo, reduzindo o arrasto e a turbulência na piscina

Fontes: TYR Sport, Speedo, USA Swimming

No Jornal do Commercio (2008, esportes: 6) encontramos o seguinte título: “Joanna entra na água sem o maiô milagroso (sic)”. O texto, em seguida, afirma que o maiô não chegou a tempo e que ele “vem causando polêmica. (...) Nos últimos meses, nadadores que o utilizam conseguiram quebrar 33 recordes mundiais”. A Fina, entidade que rege o esporte, chegou a cogitar a proibição da peça, mas concluiu ser legítimo o seu uso entre os competidores, demonstrando mais este ato hesitante que a problemática em torno desses casos e seus desfechos estão mais próximos da subjetividade, dos interesses inconfessos ou da idiosincrasia do mandante de plantão. Nos discursos veiculados na mídia anotamos termo como “milagroso”, “polêmica”, “proibição”, “legítimo”, junto a uma semântica do contraditório, repleta dos respectivos antônimos.

Ora, vejam, se a aplicação (leia-se “ajuda tecnológica”) desta tecnologia é tolerada nas Olimpíadas, porque as pernas artificiais de Pistorius, chamado na França de “le coureur sur lames” em razão de sua prótese – um par de lâminas em fibra de carbono –, não seriam uma das várias e aceitas tecnologias desenvolvidas para o esporte, com o ganho extra de também poder ser aplicada com sucesso em cidadãos não atletas? Outra indagação: será que um corredor com particularidade similar a Pistorius teria os mesmos 25% de ganho de energia, e essa energia não despendida, resultaria em quantos segundos mesmo, numa prova?

Para Santaella (2003) as próteses borram as margens entre aquilo que é tido como natural e o artificial, mesmo quando refinam as capacidades do primeiro, marcando uma intersecção entre dois sistemas, duas redes subjacentes de rizomas [a organização dos elementos não segue linhas de subordinação hierárquica], tecnológica e orgânica. Quando Longman (The New York Times) diz que “*Yet Pistorius is also a searing talent who has begun erasing [grifo meu] the lines between abled and disabled*”, parece repetir Lévy (1996:30), que dissera: “Os implantes e as próteses confundem a fronteira entre o que é mineral e o que está vivo”. Temos, portanto, acadêmicos discutindo a questão das próteses a partir da condição humana, enquanto jornalistas e articulistas colocam em pauta o mesmo tema a partir de um caso particular, enfocando a questão ética. Unem-se todos, porém, na polêmica da produção de efeitos de sentido, no campo da ética desportiva, dos atos de fala e do discurso retórico.

De concreto, Oscar Pistorius, de 22 anos, é recordista de mundial paraolímpico nos 100, 200 e 400 metros, “tendo conseguido medalhas de ouro e bronze nos Jogos Paraolímpicos de Atenas, em 2004” (Jornal do Commercio). E mais, terminou em segundo lugar na Liga Dourada, em Roma, onde competiu com atletas sem limitações físicas, na final A dos 400 metros, em julho de 2007, com a marca de 46.90 segundos. “Não me vejo como um deficiente” disse Pistorius (*in* www.g1.com.br), que se recusa até a estacionar em vagas reservadas para deficientes. “Não há nada que os atletas normais façam que eu não possa fazer”, desafia ele, que é ex-jogador de rúgbi e pólo aquático. O velocista também brilhou na Paraolimpíada disputada em 2008, disputada na China (sede da Olimpíada 2008), quando

ganhou medalhas de ouro vencendo nos 100, 200 e 400 metros. Como é persistente, Pistorius anunciou que ia tentar se classificar para o Mundial de Berlim, em 2009, e a Olimpíada de Londres, em 2012 (abril.com, 26/02/2009).

Donna Haraway (*apud* Kunzru, *in* Silva, p.26), autora de um ensaio de 1985 chamado “Manifesto em favor dos ciborgues”, conclama a pensar sobre a tecnologia dos calçados para esportes, diz ela: “Antes da Guerra Civil [Americana], nem sequer havia, na indústria calçadista, qualquer diferenciação entre o calçado do pé esquerdo e o do pé direito. Agora, temos um calçado para cada atividade”. Kunzru (*in* Silva, p.26), seguindo o raciocínio de Haraway, analisa que vencer os Jogos Olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido: “Tem a ver com a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo”. Nessa visão pró-ciborguização, continua a voz de Kunzru (*idem*):

Com drogas ou sem drogas, o treinamento e a tecnologia fazem de todo atleta olímpico um nó em uma rede tecnocultural internacional tão “artificial” quanto o supercorredor Bem Johnson no ponto máximo de consumo de esteróides (...) Se isto soa complicado, é porque é. O mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” na lata do lixo (...) Ocorre para Haraway uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam (p.25).

A saga de Oscar Pistorius e seu debate nos meios de comunicação chega a conteúdos cômicos. Elio Locatelli, diretor de desenvolvimento da IAAF, recomendou que o atleta em discussão se concentrasse nas Paraolimpíadas (que aconteceram após as Olimpíadas de Pequim), afirmando: “Isso afeta a pureza do esporte. Em seguida virá outro aparelho com o qual as pessoas conseguem voar com algo preso nas costas”. A resposta veio menos sarcástica e mais virulenta, através de Robert Gailey da Faculdade de Medicina da Universidade de Miami, que estudou corredores amputados (*in* www.g1.com.br): “Eles estão preocupados que não haja uma vantagem injusta? Ou estão discriminando devido à pureza das Olimpíadas, porque não querem ver um homem deficiente na mesma altura de um homem não deficiente, temendo o que significaria para a imagem do homem a vitória de uma pessoa que não possui o corpo perfeito?”; temos, assim, uma provocação retórica, onde ficaria subentendida uma inspiração nazistóide na ação da IAAF.

O par de lâminas instalado abaixo dos joelhos de Pistorius, em formato de “J” e conhecidas como “chitas” tem, como já deixamos claro, acirrado o debate na mídia, porém, à maneira de Haraway, diria que as raízes da problemática antecedem em muito a pós-modernidade. O que dizer da utilização ou emprego, por exemplo, de óculos, de monóculos, de binóculos, da lupa, da lente e do microscópio, todas com as respectivas funções de corrigir ou ampliar a capacidade do homem de ver objetos à distância, objetos microscópicos e objetos

que já não podem são vistos com naturalidade à meia distância? É óbvio que aqui extrapolamos o campo da competição olímpica, mas, reforçamos que a questão é antiga e casos instigantes como o de Oscar Pistorius chama a atenção da sociedade midiática, desportiva, filosófica, médica, cibernética e académica.

O inesperado é que, o que parecia uma deficiência, um truque da tecnologia para que a vida de Pistorius se aproximasse da normalidade, com o veto na participação do atleta na olimpíada de Pequim, sob a alegação de levaria uma ligeira vantagem sobre os demais competidores, pôs a nu, inclusive, o conceito de “normalidade”, pois, atletas sem qualquer problema motor ou de restrição ou supressão de quaisquer parte do corpo, poderiam reivindicar para si algum tipo de “prótese” ou recurso biomotor que viesse em auxílio da superação de marcas olímpicas.



O debate em tela, que seria provocado por uma tragédia pessoal, passa por atos de superação pessoal, no caso do próprio seja-eu de Oscar Pistorius, por tiradas de humor negro dos oponentes, mas, o melhor é que traz esperança àqueles que, devido a razões que lhes fogem do controle, tenham alguma dificuldade em desempenhar funções. Uma indagação, que amplia as especulações que fizemos, circulou no site do Instituto de Ética e Tecnologias

Emergentes, Connecticut/EUA, quanto à natureza acirrada da competição, caso se aceite a obtenção de “vantagens tecnológicas”, se atletas fariam algo tão radical quanto substituir seus membros naturais saudáveis por membros artificiais. A suposição levou um diretor do instituto, George Dvorsky, a perguntar: “Seria automutilação se você recebesse um membro melhor?”

Talvez isso explique a corrida para a realização de próteses de mama, capilar, peniana, dentária, auditiva, no glúteo ou panturrilha, dentre outras, na busca do homem pela modificação ou amplificação de seu corpo, agora na condição, cada vez mais aceita, de pós-humano ou de sujeito cibernético. De nossa parte, enquanto ser-do-discurso a observar o apagamento dessas fronteiras, fica a torcida por todos os Pistorius em qualquer olimpíada ou em qualquer outro espaço em que se demonstre que o homem não é mais o limite de si mesmo.

Referências

- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996
- SANTAELA, Lucia. *Cultura e artes do pós-humano : da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003. (2ª edição, 2004)
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- Jornal do Comercio. Iaaf veta Oscar Pistorius / Mais esportes. Recife/PE, 15 de janeiro. 2008. p.5
- Jornal do Comercio. Joanna entra na água sem o maiô milagroso / Mais esportes. Recife/PE, 7 de maio. 2008. p.6
- G1 Globo.com – O portal de notícias da Globo
(g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL36614-5602,00.html - 49k -)
- Sport courier international
(sport.courrierinternational.com/star/071107_oscar_pistorius.asp)
- The New York Times
(www.nytimes.com/2007/05/15/sports/othersports/15runner.html)
- Abril.com. Pistorius volta para casa após acidente de barco / Esportes. Agência Estado, 26/02/2009
(www.abril.com.br/noticias/esportes/pistorius-volta-casa-acidente-barco-289726.shtml)